



ATITUDES DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO RELACIONADAS AO ROTACISMO: AQUI NÃO É O LUGAR DE MARIA

Solange Aparecida Benacchio¹
Adson Luan Duarte Vilasboas Seba²

Resumo: O rotacismo é um fenômeno linguístico estigmatizado e alvo de preconceito linguístico em vários lugares, como nos espaços educacionais. Nessa direção, este artigo investigou se o rotacismo manifestado na fala de Maria, funcionária de uma escola, afetou a sua comunicação com outras pessoas. De modo secundário, investigamos, também, em que medida a pluralidade linguística foi contemplada nos livros didáticos de Língua Portuguesa e no Projeto Político Pedagógico dessa instituição. Para tanto, nos amparamos em teóricos da Sociolinguística Variacionista, como Labov (1972), Bagno (2007), entre outros. Realizamos um estudo dedutivo-bibliográfico de base exploratória, que se valeu dos pressupostos do “professor-pesquisador” sugerido por Bortoni-Ricardo (2008). Os dados apontaram que o rotacismo não afetou a compreensão entre Maria e seus interlocutores. Entretanto, ela sofreu preconceito linguístico pelo modo como falava. Os dados ainda permitiram afirmar que tais atitudes estão relacionadas à falta de discussão sobre a pluralidade linguística no PPP da escola e no livro didático. Por fim, verificou-se que o preconceito sobre a sua maneira de falar tem origem em uma quebra de expectativas, pois, para os preconceituosos, Maria enquanto trabalhadora de uma escola, não poderia utilizar uma variação linguística marginalizada.

Palavras-chave: Rotacismo. Preconceito Linguístico. Escola. Livros Didáticos.

Abstract: Rotacism is a linguistic phenomenon that is stigmatized and subject to linguistic prejudice in various places, such as educational spaces. In this vein, this article investigated whether the rotacism manifested in the speech of Maria, an employee of a school, affected her communication with others. Secondly, we also investigated to what extent linguistic plurality was contemplated in the Portuguese Language textbooks and the Political Pedagogical Project of this institution. To do so, we relied on theorists of Variationist Sociolinguistics, such as Labov (1972), Bagno (2007), among others. We conducted a deductive-bibliographic study of exploratory nature, which relied on the assumptions of the "teacher-researcher" suggested by Bortoni-Ricardo (2008). The data indicated that rotacism did not affect the comprehension between Maria and her interlocutors. However, she suffered linguistic prejudice due to the way she spoke. The data also allowed us to affirm that such attitudes are related to the lack of discussion about linguistic plurality in the school's PPP and in the textbook. Finally, it was verified that prejudice about her way of speaking originates from a break in expectations, because, for the prejudiced, Maria, as a worker in a school, could not use a marginalized linguistic variation.

Keywords: Rotacism. Linguistic Prejudice. School. Textbooks.

¹ Mestranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso. Graduada em Letras - Português pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora de língua portuguesa do Colégio Imaculada Conceição-Cáceres/MT. E-mail: solange.benacchio@unemat.br

² Mestre e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT - Campus Cáceres. Membro do grupo de pesquisa Linguagem, Tecnologia e Contemporaneidade em Linguística Aplicada (LINTECLA). E-mail: adson.seba@unemat.br



1. Introdução

Esta discussão surge a partir da nossa experiência como professores de Língua Portuguesa, em uma escola situada em Cáceres-MT, no ano de 2021. Durante esse período, observamos a manifestação de atitudes de preconceito linguístico advindas dos alunos em relação ao modo de falar de uma funcionária, ficticiamente nomeada Maria. Torna-se pertinente destacar que essa instituição atende um público com condições financeiras favoráveis, sendo filhos de advogados, médicos, dentistas, etc. A Sociolinguística nos permite reconhecer, que o linguajar dos alunos é moldado por várias razões, sendo algumas delas relacionadas às práticas sociais vivenciadas por eles. Logo, as condições sociomateriais desses sujeitos acabam afetando a maneira como falam.

A inquietação desse estudo foi motivada por um fato ocorrido em uma manhã de março, quando Maria entrou na sala da turma do 9º ano e disse: “Bom dia! Nessa sala tem alguma Cráudia? Passa na [nome do setor ocultado] depois, tem um pobreminha pra resolver. ” (informação verbal). Após se retirar, instantaneamente, alguns alunos começaram a zombar do modo como ela falava. Nesse sentido, comentários como: “pobreminha? (risos)”, “pobrema? (risos)”, “Credo, olha como ela fala errado!”, “gente, nós não estamos na escola não?” nos despertaram atenção. Como se não bastasse o preconceito linguístico, sobrou também para a pobre Cláudia, que foi sofreu *bullyng* ao longo do ano letivo, sendo chamada de “Cráudia”.

Esse tipo de preconceito é uma comparação equivocada entre um modelo idealizado de língua exposto nas gramáticas normativas, dicionários, livros didáticos e os modos de falar reais das pessoas que são múltiplos e diversos (BAGNO, 2013, 2014, 1986). Sendo assim, a partir de uma observação participante das cenas cotidianas e assumindo o papel de professores-pesquisadores (BORTONI-RICARDO, 2008), decidimos discutir esse problema.

Infelizmente, aqueles que estigmatizam as variantes e favorecem apenas a norma padrão, ignoram a riqueza e diversidade linguística presente na sociedade. Nessa direção, como linguistas, compreendemos que o preconceito linguístico na escola pode desencadear um ciclo vicioso de exclusão e discriminação, no qual as pessoas que utilizam variedades linguísticas diferentes são marginalizadas e, conseqüentemente, têm menos oportunidades nas práticas



sociais e de linguagem. Esse fenômeno contribui para a reprodução das desigualdades sociais e perpetuar a exclusão de determinados grupos. Essa situação pode gerar sentimentos de inferioridade e afetar negativamente a autoestima e desempenho acadêmico.

Nesse sentido, adotamos neste estudo uma concepção de língua que possa abranger a sua natureza fluida e dinâmica, refletindo a volatilidade qual nos propomos investigar. Por conta disso, entendemos que a língua é constituída por uma "heterogeneidade sistemática", a qual permite o reconhecimento e a delimitação de diferenças de ordem social inerentes às identidades dos falantes e à competência linguística individual (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p.101). Assim, ponderamos a língua em seu aspecto social, considerando-a como um fenômeno heterogêneo, diverso e sujeito a variações linguísticas.

Nessa senda, o ambiente escolar se configura como um espaço de grande diversidade cultural e, conseqüentemente, de múltiplas manifestações linguísticas. Portanto, é fundamental que os professores assumam o papel de "professores-pesquisadores", tal como sugerido por Bortoni-Ricardo (2008), desempenhando um papel ativo e investigativo permita o questionamento, a reflexão e a proposição de intervenções pedagógicas. Dessa forma, o docente se torna capaz de lidar, questionar e refletir sobre a pluralidade linguística presente na comunidade educativa, respeitando e valorizando as diferentes formas de expressão.

Dadas essas considerações, estabelecemos como objetivo deste estudo investigar se o rotacismo manifestado na fala de Maria prejudica a sua comunicação com outras pessoas. De modo secundário, investigamos, também, em que medida a pluralidade linguística é contemplada nos livros didáticos de Língua Portuguesa dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e no Projeto Político e Pedagógico da instituição.

Para tanto, reconhecemos que o rotacismo é um fenômeno linguístico que compreende a troca da consoante lateral alveolar [l] por um rótico, como o tepe [r], por exemplo, na palavra ('plêṭe), tornando-se pranta ('prêṭe). Trata-se de um fenômeno considerado estigmatizado tanto na fala, conforme os estudos de Espírito Santo (2019) e Cristino e Brusse (2019), quanto na escrita, de acordo com Moreira e Santiago (2019) e Silva (2012).

Por esse prisma, Espírito Santo (2019) afirma que o rotacismo é frequentemente discriminado na cidade, por falantes mais jovens. Para a autora, a mídia tem um papel significativo nessa marginalização, visto que, por muito tempo, representaram-no na TV como um "falar caipira" relacionado a um sinal de ignorância. Essa redução do rotacismo como uma forma marginal apaga a sua complexidade. Entretanto, Cristino e Busse (2019) nos mostram



que essa manifestação na fala não ocorre de maneira arbitrária, sendo regida por diversas variáveis, como: geográficas, sociais, históricas, fisiológicas, etc.

De acordo com Silva (2012), a partir do século XX a manifestação de fenômenos linguísticos, como o rotacismo na escrita — quando já havia uma ortografia padrão — era considerada uma transgressão à norma ortográfica e, muitas vezes, vista como um indicador de nível de escolaridade ou inteligência do escritor. Infelizmente, essa memória discursiva ainda afeta as práticas sociais contemporâneas e sustenta atitudes preconceituosas, como as vivenciadas na escola.

De modo complementar, a pesquisa de Moreira e Santiago (2019) sobre as ocorrências de rotacismos presentes em cartas escritas por sertanejos baianos, sugere que as características da fala podem ser refletidas na escrita. Ademais, para sustentar nossa discussão, amparamo-nos, ainda, em teóricos da Sociolinguística, como Moura (2007), Labov (1972), Bagno (2007), Votre (2004) e Alkmin (2011),

Nessa direção, é importante deixar claro que a discussão proposta neste estudo se concentra na ocorrência do fenômeno do rotacismo no encontro consonantal, presente na falade Maria, durante sua comunicação espontânea. Pessoas como ela são frequentemente “corrigidas” e, muitas vezes, constrangidas sob o pretexto de não se esforçarem em usar uma forma “correta” da língua falada.

Sendo assim, compreender o rotacismo como um “erro” a ser “corrigido” é, na verdade, uma prática que hierarquiza algumas formas de uso da língua e estigmatiza outras. É importante lembrar que o rotacismo é resultado de uma tendência muito antiga presente no português e em outras línguas de origem latina, que costuma ser perpetuada pelos falantes rurais ou não escolarizados (BAGNO, 2007).

Entretanto, hoje em dia, a manifestação do rotacismo tem ultrapassado as variáveis escolares e geográficas, como é o caso, por exemplo, de Maria, que é uma mulher negra, com 38 anos, pós-graduada e moradora de um bairro periférico. Portanto, é preciso que haja, na escola, um trabalho intenso de valorização da diversidade linguística e cultural, e que se evite qualquer tipo de preconceito ou estigma em relação diversidade linguística, visto que a forma como o sujeito fala não o limita ou o reduz.

Dadas essas considerações, metodologicamente, realizamos um estudo dedutivo-bibliográfico, que é uma abordagem de pesquisa que combina a dedução lógica com o uso de fontes bibliográficas. O método dedutivo parte de premissas gerais e chega a conclusões específicas por meio de um raciocínio lógico e sistemático. Já o uso de fontes bibliográficas



envolve a análise e a interpretação crítica de textos, artigos, livros e outras publicações relevantes para o tema em questão. Portanto, partiu-se da observação de uma situação geral “o estigma relacionado ao rotacismo”, para então, analisar elementos particulares encontrados nesse contexto geral, isto é, “a plena compreensão da fala com rotacismo na comunicação cotidiana”. Assim, utilizamos os resultados encontrados na literatura para subsidiar nosso breve gesto analítico.

Além disso, este estudo é considerado exploratório, pois tem como objetivo proporcionar uma maior compreensão e familiaridade com o tema selecionado (GIL, 2009). Para tanto, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa-interpretativista, seguindo a perspectiva do Professor-pesquisador (BORTONI-RICARDO, 2008) e a metodologia de Observação Participante, em que o pesquisador se envolve e compartilha as práticas sociais de um grupo ou comunidade (GIVEN, 2008; MACK et al., 2005).

Sendo assim, o texto está organizado em quatro partes. A primeira busca elucidar alguns conceitos teóricos que subsidiam a discussão. A segunda apresenta a trilha metodológica percorrida para a coleta de dados. A terceira parte expõe o gesto analítico. A quarta parte expõe uma proposição metodológica para o combate ao preconceito linguístico na escola e, por fim, as considerações finais.

2. A linguística da fala: algumas considerações

Os estudos linguísticos em suas diversas vertentes e disciplinas nos proporcionam uma compreensão abrangente das diferentes manifestações dos fenômenos linguísticos. Nessa discussão, embasamo-nos na Sociolinguística Variacionista, uma corrente teórica liderada pelo sociolinguista norte-americano William Labov. A Sociolinguística, assim como outras áreas da Linguística moderna, se pautou nos estudos pioneiros de Ferdinand Saussure, que se tornou um dos maiores contribuintes para a evolução dos estudos linguísticos no início do século XX, impulsionando a pesquisa nessa área do conhecimento. Além disso, importantes linguistas, como Chomsky, Meillet, Bakhtin, Jakobson, Benveniste e Lewis, entre outros, contribuíram para a evolução dessa ciência.

Segundo Labov (1972), a Sociolinguística tem como objeto de estudo a língua falada no seio da sociedade, considerando a comunidade linguística como um conjunto de indivíduos que interagem verbalmente e compartilham normas relacionadas aos usos linguísticos. Nessa



direção, o autor acrescenta que é possível identificar a ocorrência de variação em todos os níveis da língua, desde o fonético-fonológico até o estilístico-pragmático, porém, essa variação não é aleatória ou caótica, mas sim organizada e condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos (LABOV, 1972). Portanto, a Sociolinguística busca compreender e explicar a relação entre a língua falada e o contexto social em que é utilizada, levando em consideração a existência de normas compartilhadas pela comunidade linguística.

Segundo Labov (1972; 2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social, pois comunica necessidades, ideais e emoções”, por esta forma de comportamento e interações comunicacionais e pela heterogeneidade da língua é que se constata o fenômeno chamado de variação linguística, que é um, entre os muitos fenômenos linguísticos motivados pela heterogeneidade da língua.

Nessa senda, compreendemos a Variação Linguística como um fenômeno multifacetado que pode se apresentar em relação à pronúncia, ao vocabulário, à gramática ou à sintaxe, conforme com o contexto sociocultural em que é utilizada. Essas variações podem ser observadas tanto em um mesmo país quanto entre países e regiões diferentes, sendo influenciada por diversos fatores, como a idade, a escolaridade, a classe social, o gênero, a etnia, a situação comunicativa, entre outros.

Assim, devido à mutabilidade da língua e a sua capacidade de se adaptar/readaptar diante dos mais variados contextos e/ou usos diversos pelas comunidades de fala, surgem as possibilidades de variação e mudança. A mudança linguística e a variação linguística são conceitos diferentes. A mudança linguística refere-se a alterações que ocorrem ao longo do tempo na língua, sendo objeto de estudo da linguística histórica. Já a variação linguística é a presença de diferentes formas de uso da língua em um mesmo momento e contexto, sendo objeto de análise da sociolinguística e outras disciplinas. Enquanto a mudança linguística ocorre de forma diacrônica, a variação linguística é sincrônica. Sendo assim, consideramos o rotacismo enquanto uma variação linguística.

Geralmente, as variações apresentam formas privilegiadas e, também, menos apreciadas pelas comunidades de fala. Essa valorização se dá, em grande parte, a fatores culturais, sociais, capitalistas, entre outros. Atualmente, devido ao acesso às redes de comunicações virtuais, muitas variantes rotuladas como “desprestigiadas” estão sendo popularizadas e tem sofrido diversas formas de preconceito linguístico por uma certa elite escolarizada que deseja manter a língua culta ou formal como hegemônica, enquanto que as variações, em grande escala, são estigmatizadas.



A respeito disso, Romano e Pereira (2017) afirmam que é comum encontrar no ciberespaço uma variedade de opiniões sobre os modos de falar dos sujeitos. Isso se dá, pois, como falantes do de português, muitas pessoas se sentem à vontade para expressar seus pontos de vista em busca de *likes* e outras reações no mundo digital. Além disso, a internet, em especial as redes sociais, proporciona um ambiente de anonimato que pode fazer com que as pessoas se sintam mais à vontade para expressar suas opiniões de forma agressiva e sem filtro, o que pode levar ao surgimento de comentários preconceituosos. Entretanto, é importante lembrar que a língua é dinâmica e se adapta às paisagens comunicativas digitais. Portanto, o preconceito linguístico nesses espaços é a real ignorância.

De modo complementar, outros meios de comunicação populares como o rádio e a televisão privilegiam as formas de comunicação verbais mais aceitas, ou seja, dificilmente formas estigmatizadas como o rotacismo aparecerão na comunicação de massa. Esse tipo de escolha linguística em detrimento de outras, pode ser observado no episódio 1 da série “Sotaques do Brasil”³, disponibilizada pelo Jornal Hoje. No início do vídeo, a âncora Sandra Annenberg pergunta ao jornalista Evaristo Costa como ele pronunciaria a palavra “porta”. Ele responde que durante as gravações do jornal ele diz /'pɔɾ.tə/, mas que em momentos de fala não monitorada, utiliza o “r retroflexo”, ou popularmente “r caipira”, ao falar /'pɔɪ.tə/. O pequeno trecho o vídeo nos respalda dizer que a TV brasileira tenta homogeneizar a Língua Portuguesa, e que há desprestígios por parte da mídia de formas “não comerciais”.

Fora das telas, o rotacismo faz parte do vernáculo de muitos brasileiros. Bagno (2007), ao investigar o processo de formação do Português no Brasil, o reconhece como uma variação linguística inerente à formação do português padrão, pois segundo ele:

O rotacismo participou da formação da língua portuguesa padrão, como já vimos em branco, escravo, praga, fraco etc., mas ele continua vivo e atuante no português não-padrão, como em broco, chicrete, pranta, Craudia, porque essa variedade não padrão deixa que as tendências normais e inerentes à língua se manifestem livremente. Assim, o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o que. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social. (BAGNO, 2007, p. 42).

Como foi constatado no excerto, o rotacismo ocorre principalmente na variante rural da Língua Portuguesa e, frequentemente, é alvo de preconceito linguístico, o que reflete na

³ Para assistir ao vídeo acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=Riesu0ByqWQ&t=39s>. O contexto em questão é ilustrado nos primeiros 15 segundos do material.



hierarquização social das formas de uso da língua e dos falantes. É importante destacar que não se trata de um erro a ser corrigido, mas sim de um fenômeno linguístico que se originou das transformações históricas da língua, desde o latim até os dias de hoje.

Infelizmente, as pessoas são julgadas pelo modo como falam devido a diversas razões, como: questões culturais, históricas e sociais. Ao longo da história, a língua foi usada como um instrumento de poder e dominação, sendo manipulada por grupos dominantes para excluir e discriminar outros grupos sociais. A reforma pombalina, implementada pelo Marquês de Pombal, é um dos maiores exemplos brasileiros de como a língua portuguesa foi imposta com o objetivo de preservar a colônia. Conforme aponta Trouche (2000), a questão da língua foi crucial para Portugal e, no Brasil, o português rivalizava com a língua geral, que era mais falada até meados do século XVIII. Diante disso, as autoridades portuguesas adotaram uma política de difusão e obrigatoriedade do ensino do português.

Um exemplo mais recente da língua enquanto poderio socioeconômico ocorreu no governo de Getúlio Vargas, especificamente no período conhecido como Estado Novo, em uma campanha de nacionalização. De acordo com Mombash (2012), em 1939, foram tomadas medidas rigorosas que resultaram na proibição do uso de línguas estrangeiras em público, incluindo durante celebrações religiosas, e no fechamento de várias instituições.

Esses resquícios na história do Brasil disfarçados de valorização da língua e cultura lusófona ecoam até hoje, em forma de preconceitos linguísticos, que associam determinados modos de falar a características negativas, como falta de educação, pobreza, ignorância, entre outras. Esses estereótipos são transmitidos culturalmente e, muitas vezes, perpetuados pela mídia e pela educação.

Enquanto professores de línguas, resgatamos as palavras de Freire (2011, p. 95), quando diz que “precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala”. Sendo assim, é preciso que saibamos questionar quais são as razões do silêncio, apatia e falta de participação de um aluno. Muitas vezes, ele pode ter vergonha de se expressar e ser rechaçado pelo modo como fala, temendo o preconceito linguístico. Nessa ótica, ao se demonstrarem atentos ao que se passa com os alunos, os docentes podem ajudar a identificar possíveis problemas e desafios no processo de aprendizagem.

Nessa ótica, as aulas de Língua Portuguesa precisam abarcar a pluralidade linguística do nosso país. À esteira dessas discussões viabilizadas pelo professor, o rotacismo pode ser objeto de estudo e compreendido como um efeito do caráter cíclico da língua, que não é estática ou imutável, mas sim, dinâmica, heterogênea, maleável e fluida, permeada por formas antigas



e contemporâneas que se amalgamam nas mais variadas expressões utilizadas pelos falantes em seu cotidiano.

Portanto, acusar o rotacismo simplesmente como “erro” ou, algo passível de correção é alimentar uma reação já existente, que pode ser interpretada como preconceito linguístico, pois “o preconceito se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (BAGNO, 2007, p. 69).

Assim, advogar que o rotacismo é um modo equivocado de falar, é uma enfadonha falácia linguística, dado que, como veremos a seguir em nosso gesto analítico, não prejudica a compreensão entre os interlocutores. Por fim, é importante lembrar que todas as formas de fala são válidas e devem ser respeitadas, desde que sejam compreendidas pelos falantes e adequadas ao contexto em que são utilizadas.

3. Metodologia

Como já assinalamos no início deste trabalho, esta discussão nasceu da observação participante, a partir da atitude de nossa postura como “professores-pesquisadores” (BORTONI-RICARDO, 2008). O método de coleta de dados na observação participante compreendeu a participação dos investigadores nas práticas sociais a investigada, a fim de estudar aspectos cotidianos, por meio da observação de eventos em seus contextos naturais (Given, 2008) que, nesse caso, é a manifestação do rotacismo na fala de Maria.

Nesse sentido, pudemos observar a ocorrência do fenômeno do rotacismo e as implicações resultantes dos preconceitos linguísticos e julgamentos hierárquicos frequentemente associados à língua não-padrão e aos seus falantes. Durante uma semana, realizamos uma observação discreta de Maria e seus interlocutores — em sua grande maioria, alunos —, registrando as marcas de rotacismo bem como, as reações e alguns comentários dos (as) ouvintes, pois como preconiza Labov, “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244

Portanto, metodologicamente, partimos da observação sistemática de forma discreta; em seguida, coletamos os dados considerados relevantes para este trabalho; e, finalmente, a pesquisa sobre a bibliografia existente sobre esta temática, bem como, a escolha da teoria mais adequada à análise dos dados recolhidos: a Sociolinguística Variacionista.



4. Análise dos dados

A escola, como outras instituições públicas, é um ambiente permeado pela diversidade. Nela, é fundamental que as diferenças de todas as ordens sejam reconhecidas, valorizadas, estudadas e compreendidas. A diversidade se manifesta em múltiplas formas, incluindo a diversidade linguística que abrange as variações no modo de falar, escrever e se comunicar. É importante que a comunidade escolar saiba que a língua é heterogênea e se manifesta de maneiras diferentes.

Nesse sentido, buscamos, primeiramente, observar no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição se havia alguma orientação relacionada à valorização da diversidade linguística. Lamentavelmente, não encontramos uma discussão pontual sobre o assunto. Entretanto, verificamos uma orientação geral sobre o reconhecimento e respeito das diversidades dos alunos. Por esse viés, fica a critério dos professores — com exceção aos docentes de Língua Portuguesa — desenvolverem ou não ações de ensino, pesquisa e extensão relacionadas à diversidade linguística, o que faz com que o preconceito linguístico seja uma prática recorrente na instituição, como veremos a seguir.

É importante destacar que, ao considerar as variantes linguísticas, como o rotacismo, enquanto formas legítimas de comunicação e manifestação da identidade dos falantes, não podemos concebê-las como desvios. Levando isso em consideração, a seguir, trazemos alguns dos recortes das falas de Maria quando se dirigia até as salas de aula para dar recados, informativos e lembretes aos professores e alunos.

Excerto 1: “O prazo para entrega *das pranilha* é até o dia...” (informação verbal).

Excerto 2: “*As franela* estão no varal da lavanderia”. (Informação verbal).

Excerto 3: “O sistema do colégio está *com pobrema*”. (Informação verbal).

De modo infeliz, após a sua retirada da sala, os alunos zombavam sutilmente do seu falar, repetindo as palavras com rotacismo em tom de piada. As atitudes recorrentes de preconceito linguístico foram registradas nas turmas do Ensino Fundamental II. No Ensino Médio não foram observados — pelo menos na sala de aula — comentários pejorativos referentes ao modo como Maria se expressava. Na condição de pesquisadores e estudiosos da



língua falada dentro de uma comunidade, mesmo que seja uma comunidade supostamente letrada, a primeira pergunta que se deve fazer é: a comunicação da pessoa falante, apesar de usar o rotacismo, atingiu o seu objetivo? Vejamos a seguir que sim.

Os excertos supracitados mostram a recorrência do rotacismo característico do Português Brasileiro (PB), na fala de Maria. Esse fenômeno se dá pela substituição das líquidas [l] por[r], dado que as líquidas compartilham muitos traços de articulação, ou seja, a forma como a boca e a língua são posicionadas para produzir o som, podendo levar à troca de uma pela outra. Isso pode ocorrer por diversos motivos, como a influência de dialetos ou variações regionais da língua, a aquisição da língua em diferentes fases da vida ou até mesmo por fatores psicológicos individuais.

Essa variação é recorrente no falar cotidiano, pelo fato de que no PB, os encontros consonantais mais frequentes são os intrassilábicos ou tautossilábicos, ou seja, aqueles em que a segunda consoante é uma líquida, representada na escrita pelas letras "l" ou "r" (PEREIRA; ROBERTO; RAMOS,2018). Exemplos desses encontros consonantais podem ser vistos em palavras como: "prato", "clave", "trote", "pluma", entre outros. Essa frequência se deve em parte à própria estrutura da língua portuguesa, que permite a formação de encontros consonantais complexos, além da presença abundante das líquidas "l" e "r". PEREIRA; ROBERTO; RAMOS,2018)

Nessa ótica, verificamos no Excerto 1 que além do rotacismo, há uma variação linguística bastante comum no português falado no Brasil: a ausência de concordância de número. Ela é caracterizada pela ausência do plural em palavras como "planilhas". Essa forma de falar é comum em contextos informais, como conversas entre amigos e familiares, mas não é considerada gramaticalmente correta na norma padrão do português.

Em resposta ao Excerto 1, um interlocutor perguntou: "não entendi, até quando devo entregar as planilhas?". Maria o respondeu: "até o dia 15". Apesar do uso do rotacismo, é possível afirmar que o falante conseguiu se comunicar de maneira eficaz e estabelecer um diálogo produtivo com seu interlocutor. Nesse sentido, Maria atingiu seu objetivo de transmitir a informação desejada, promovendo a interação e o compartilhamento de informações entre as partes envolvidas. Entretanto, a repetição do termo com a pronúncia adequada à norma padrão "planilha" na pergunta do interlocutor, ao nosso ver, foi uma forma coercitiva. Como se pode ver, a compreensão mútua na comunicação não depende exclusivamente do uso das formas consideradas padrão, mas, sim, da habilidade dos falantes que podem se adaptar às diferentes variações linguísticas e contextos comunicativos.



O mesmo movimento ocorre no Excerto 2, em que o resultado da comunicação também foi exitoso, pois que não houve lacunas de compreensão na cena comunicativa observada, visto que o interlocutor respondeu: “tudo bem, obrigada! ”. Entretanto, o que se observou na sala de aula foram “risos” e “burburinhos”. Lamentavelmente, a funcionária se demonstrou desconfortável ao ocorrido. Esse tipo de atitude pode ocorrer, pois, “a escola controla, evita e pune, com veemência, o uso de formas com supressão e/ou troca de líquidas, como framengo e pobrema [...]” (BRAGA; MOLLICA, 2010, p. 53)

No Excerto 3, além do rotacismo, identificamos a supressão do / r /. Esse fenômeno é conhecido como um processo fonológico por apagamento ou supressão, também chamado de processo fonológico de queda, eliminação ou truncamento. No caso em questão, houve um processo de supressão. Nesse contexto, a supressão de consoante pode se dar em diferentes posições silábicas, sendo comum o apagamento de líquidas em posição encontros consonantais, como no caso de /p r/ (PEREIRA; ROBERTO; RAMOS, 2018).

Como se pode verificar, durante a interação, Maria sempre é prontamente compreendida e, às vezes, zombada. Isso se dá, pois, comentários jocosos sobre o modo como ela fala tem tentado deslegitimar sua competência linguística e profissional, como, por exemplo, o enunciado de um aluno ao indagar para outro “que burra, ela não estudou não?”

Apesar de Maria ter cursado o Ensino Superior, ela é proveniente de um bairro periférico da cidade de Cáceres, portanto, inferimos que esse fator pode ter moldado o seu falar. Para a sociolinguística, falantes de rotacismo, geralmente são caracterizados como pertencentes a camadas sociais desprestigiadas, marginalizadas, que não tem acesso à educação escolar. Em consequência disso, sua linguagem é concebida como “feia”, “pobre”, quando, na verdade, é só uma forma diferente de falar, a qual se difere da que é ensinada nas escolas (BAGNO, 2007).

Maria, portanto, manifesta em seu falar uma variação social, que possui diferenças em nível fonológico e morfossintático. Na questão fonológica, há casos de variação linguística em que palavras como "prantar" em vez de "plantar", "bão" em vez de "bom", "pobrema" em vez de "problema", "bicicreta" em vez de "bicicleta" podem ser encontradas. Já nos casos morfossintáticos, há o uso de "dez real" ao invés de "dez reais", "eu vi ela" em vez de "eu a vi", "eu truci" ao invés de "eu trouxe", e "a gente fumo" em vez de "nós fomos" (MAIA *et al*, 2022).

É crucial destacar que, em geral, pessoas em situações socioculturais como a de Maria têm poucas oportunidades de ocupar espaços sociais de prestígio, como o ambiente acadêmico. Por isso, Maria pode ser vista como um símbolo de resistência, uma vez que, como mulher negra e periférica, ela ultrapassou os limites sociais atribuídos a ela.



Nessa ótica, trabalhar em uma escola prestigiada no município de Cáceres, onde a maioria dos alunos é proveniente de classes sociais mais favorecidas, pode resultar em um choque linguístico-cultural. Esse choque precisa ser discutido para evitar a perpetuação de atitudes de preconceito linguístico.

Acreditar que há uma forma correta de se expressar em detrimento de outras, equivale a desconsiderar, estigmatizar, e silenciar identidades como a de Maria. Desse modo, recorreremos às palavras de Alkmim, quando o autor pontua que “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (ALKMIM, 2011, p. 41).

Embora nem todos os membros da comunidade apresentem rotacismo em sua fala, a comunicação de Maria sempre foi eficaz e cumpriu sua função dialógica. Mesmo que essa forma de fala não seja considerada prestigiada pela comunidade escolar, ela existe e reexiste. Isso nos leva a refletir sobre o olhar da sociedade em relação a esses fenômenos, bem como às variações linguísticas, e nos motiva a questionar se as elites escolarizadas são incapazes de valorizar a diversidade de falares presentes em nosso país.

Para concluir esta discussão, analisamos o Volume I dos livros didáticos de Língua Portuguesa utilizados no Ensino Fundamental II da escola em questão. Esse movimento é importante para nossa pesquisa, pois, queríamos verificar se as atitudes de preconceito linguístico eram alimentadas também pela ausência de discussões sobre as diversidades linguísticas na escola, uma vez que o PPP se demonstrou neutro com relação à problemática. Sendo assim, escolhemos este volume em especial por ser o primeiro material com o qual os alunos iniciam o ano letivo na escola e é utilizado ao longo do 1º bimestre. Torna-se pertinente destacar que as atitudes de preconceito linguístico registradas ocorreram no referido período.

Assim, buscamos nesse gesto, compreender em que medida o trabalho com a diversidade linguística é recomendado nesses materiais, visto que o preconceito linguístico é efervescente na comunidade escolar. O nome do livro não será mencionado por princípios éticos. Além disso, não utilizaremos imagens das unidades para garantir a não violação de direitos autorais. O procedimento dessa discussão será feito a partir de uma consulta da versão digital desses materiais, disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem da instituição. Utilizaremos a opção de “busca” a partir do comando “CTRL + F” e do uso dos descritores “rotacismo” + “variação/variedade linguística” + “diversidade linguística. Vejamos a tabela a ilustração desses desdobramentos.



Tabela 1: Termos pesquisados nos livros

Turma	Rotacismo	Variação/Variedade Linguística	Diversidade Linguística
6º ano	X	✓	✓
7º ano	X	✓	X
8º ano	X	X	X
9º ano	X	X	X

Fonte: os autores (2021)

A partir dos dados expostos na Tabela 1, verificamos que o livro do 6º ano não aborda a questão do rotacismo. No entanto, na Unidade 3 há uma breve discussão sobre variação linguística regional, ou regionalismo, propondo uma reflexão sobre termos como "pipas/papagaios" e "mandioca/macaxeira/aipim", a partir do gênero discursivo folder. No entanto, é importante ressaltar que a reflexão se limita apenas ao nível semântico dos vocabulários, sem promover uma discussão mais aprofundada sobre a importância sociocultural dos termos.

Com relação ao tema "diversidade linguística", o livro apresenta uma seção intitulada "Prática de oralidade", que sugere aos alunos uma conversação dirigida sobre o tema saúde. A atividade, destaca a importância de se perceber que cada informante convidado pode demonstrar *diferentes formas de se expressar*, refletindo a *diversidade de falares* da língua portuguesa e a *necessidade de respeitá-las*. No entanto, é importante destacar que essas são as únicas duas passagens no volume que promovem essa discussão, o que é insuficiente para promover uma reflexão mais profunda sobre a pluralidade linguística do Brasil entre os alunos.

Ao analisarmos o livro do 7º ano, notamos que na Unidade 4 existe uma seção intitulada "Práticas de reflexões sobre a língua", na qual são abordados aspectos relacionados a frases, palavras e sentidos. Embora não haja uma abordagem direta sobre a diversidade linguística, é ressaltado aos alunos que, ao criarmos ou contarmos uma história, fazemos escolhas linguísticas, selecionando determinadas palavras e organizando as frases para transmitir uma mensagem. Entretanto, consideramos que essa discussão é limitada para o debate.

Na mesma unidade, há uma atividade que sugere aos alunos que se organizem em pequenos grupos e ensaiem a leitura do conto "O preguiçoso" para ler em voz alta para a turma. O exercício pontua que os diálogos podem ser lidos usando linguagem coloquial, não padrão, ou a linguagem caipira (o caipirês), com muito respeito a essa variedade linguística. Embora



não mencione o rotacismo, inferimos, a partir das discussões teóricas aqui mobilizadas, que esse falar inclui também o rotacismo. Como se pode ver, o material didático do 7º ano também tem uma discussão insuficiente sobre a problemática. Entretanto, destaca um elemento importante para nossa discussão: o respeito ao falar coloquial.

Embora não haja uma discussão específica sobre os descritores utilizados na pesquisa, o livro do 8º ano aborda na Unidade 3 a influência dos estrangeirismos na Língua Portuguesa, evidenciando sua natureza dinâmica e mutável. Já o livro do 9º ano, apesar de não tratar diretamente a diversidade linguística, propõe na Unidade 1 a leitura e reflexão de um texto sobre a diversidade social no Brasil, com foco nas cotas raciais. Ainda que essas atividades sejam relevantes para a formação dos alunos, é necessária uma abordagem mais aprofundada sobre a diversidade linguística e suas implicações na sociedade brasileira.

Do ponto de vista do planejamento pedagógico, os livros apresentam uma lacuna significativa no que se refere à promoção da valorização da pluralidade linguística e ao combate ao preconceito linguístico. Infelizmente, não houve uma abordagem adequada de variantes marginalizadas, como o rotacismo, o que é uma grande falha no conteúdo proposto aos alunos que tem cometido atitudes de preconceito linguístico. Soma-se a esse fato, a ausência de discussão relacionada à problemática no PPP. Assim, caso os professores queiram desenvolver um trabalho que busque a valorização das diversidades linguísticas de maneira mais efetiva, e contemplar o que recomenda a 4ª competência específica de língua portuguesa para o ensino fundamental, que recomenda aos alunos compreenderem o “fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos”, é preciso “arregaçar as mangas”.

Desse modo, a seguir, exibimos uma ação que será realizada na escola, com vistas a combater o preconceito linguístico e valorizar a diversidade linguística e cultural dos alunos. Essa proposta pode ser apropriada e (re) significada pelos professores de outras instituições.

5. Projeto: valorizando o falar mato-grossense

O projeto “Valorizando o falar mato-grossense” é dedicado aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. A valorização da pluralidade linguística nos falares mato-grossenses, como o rotacismo, se faz necessária por diversas razões. Em primeiro lugar, o



respeito à diversidade cultural e linguística é um princípio fundamental da educação, que deve ser transmitido aos alunos desde cedo.

Além disso, a valorização dessas variações linguísticas é essencial para a construção da identidade regional, que contribui para a formação da identidade nacional. Outra razão para valorizar as variações linguísticas mato-grossenses é que elas refletem as diferentes realidades e contextos sociais da região. Ao reconhecer e respeitar essas variações, estamos também promovendo a inclusão social e combatendo o preconceito linguístico, que muitas vezes é associado a preconceitos sociais. Portanto, este projeto estabelece como objetivos:

- Sensibilizar os alunos sobre a importância da diversidade linguística;
- Promover reflexões críticas sobre o preconceito linguístico;
- Estimular a valorização de todas as variantes linguísticas;
- Desenvolver habilidades linguísticas, tais como a compreensão, interpretação e produção textual.

Para contemplar todos os objetivos da proposta, o projeto articulará algumas ações envolvendo alunos e professores, como:

- Realização de palestras e debates sobre o preconceito linguístico e a diversidade linguística no estado de Mato Grosso, a partir do olhar de pesquisadores de universidades pantaneiras.
- Leitura e discussão de textos adaptados aos alunos e que abordem o tema;
- Produção textual sobre o tema, a partir da reflexão crítica;
- Atividades práticas de valorização das variantes linguísticas, como a leitura de literatura regional ou a realização de entrevistas com pessoas que falam diferentes variantes do português;
- Organização de um festival cultural, em que os alunos possam apresentar danças, músicas e outras expressões culturais, valorizando a diversidade cultural e linguística do Mato grosso.

A participação dos alunos será avaliada a partir do acompanhamento de sua participação nas atividades propostas; avaliação das produções textuais, levando em conta a reflexão crítica



e a valorização das variantes linguísticas; avaliação do festival cultural, observando a valorização das expressões culturais e linguísticas regionais pelos alunos.

Para tanto, serão necessários alguns recursos, como:

- Livros didáticos e textos complementares;
- Palestrantes convidados;
- Materiais para as atividades práticas (por exemplo, instrumentos musicais, figurinos, etc.);
- Espaço adequado para a realização do festival cultural.

O projeto será realizado ao longo de um semestre letivo, com atividades integradas às disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura, História e Geografia. Acreditamos que a valorização da diversidade linguística e cultural é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e que a escola tem um papel fundamental na promoção desse valor. Por fim, a valorização das variações linguísticas mato-grossenses contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes, capazes de reconhecer a diversidade linguística como um patrimônio cultural importante e de compreender que todas as formas de falar têm o mesmo valor e merecem ser respeitadas, como o rotacismo.

6. Conclusão

Este artigo teve como objetivo, investigar se o rotacismo manifestado na fala de Maria prejudicava a sua comunicação com outras pessoas. De modo secundário, investigamos, também, em que medida a pluralidade linguística era contemplada nos livros didáticos de Língua Portuguesa dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e no PPP da escola.

A partir do método dedutivo-bibliográfico, constatamos na literatura várias contribuições científicas para a compreensão do rotacismo. Primeiramente, torna-se pertinente destacar que este é um fenômeno que ocorre na fala pela troca ou substituição de sons como [l] por [r]. Essa substituição é característica de algumas variedades linguísticas e pode ocorrer por diversos motivos, como questões de articulação, regionalismo, entre outros.



Por muito tempo, a mídia e a escola combateram essa manifestação da linguagem, atribuindo às suas falantes características como: ignorância, rudez, falta de educação, pobreza, etc. Ao contrário do que os fiscais da língua pensam, o rotacismo não é um erro. Trata-se de uma variação linguística presente em várias regiões do Brasil, como em Mato Grosso. Assim como qualquer outra variação linguística, o rotacismo deve ser respeitado e valorizado como uma expressão cultural e identitária das regiões onde é presente. O importante é que a comunicação seja efetiva e compreensível para todos os falantes envolvidos na interação, como percebemos aqui, ao sondar as práticas comunicativas de Maria.

No que diz respeito à observação participante, verificamos que o PPP da escola não abre espaço para discussões relacionadas à pluralidade linguística mato-grossense, tampouco a brasileira. Além disso, o livro didático utilizado pelos alunos contém discussões irrisórias sobre o assunto, não contemplando o que recomenda a 4ª competência geral para o ensino de Língua Portuguesa no ensino Fundamental II.

Esse é, ao nosso ver, um grande problema, visto que a escola desempenha um papel crucial para a valorização da diversidade. Ela é um espaço privilegiado para promover a inclusão social e a igualdade de oportunidades para todos os alunos, independentemente de sua origem cultural ou linguística. Assim, a escola deve reconhecer a diversidade linguística como um patrimônio cultural, e não como um problema ou uma barreira para a aprendizagem. Para isso, é importante que a instituição valorize todas as manifestações linguísticas e culturais de sua comunidade, evitando preconceitos e promovendo a aceitação das variações como expressões legítimas da cultura de um povo.

Ademais, durante a observação das atitudes de preconceito linguístico relacionadas ao linguajar de Maria, inferimos que elas estão relacionadas à uma quebra de expectativas. Isso se dá, pois, para os alunos, Maria enquanto funcionária de uma das maiores escolas de Cáceres não poderia utilizar uma variação linguística marginalizada ao longo da história. Sendo assim, os “burburinhos” e piadas relacionadas ao linguajar da servidora estão enraizados em ideologias que moldam nossos discursos. Assim, acusar Maria, uma mulher negra e periférica de inadequação, é acionar um discurso capitalista que segrega e desoportuniza vários brasileiros por séculos. O preconceituoso linguístico praticado na ocasião reforça uma mensagem nas entrelinhas: Ali não é lugar para ela.

Maria, apesar de representar a periferia em seu linguajar, rompe às algemas sociais que a limitavam aos contextos marginais e a permitiram cursar o ensino superior e trabalhar no



âmbito da educação. Assim, parafraseando a poetisa Cristiane Sobral, ela decidiu “Não lavar mais os pratos”, utilizamos um excerto de seu poema para encerrar a nossa discussão:

Não vou mais lavar os pratos.

Nem limpar a poeira dos móveis.

Sinto muito.

Comecei a ler.

Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi.

Não levo mais o lixo para a lixeira.

Nem arrumo mais a bagunça das folhas no quintal.

Sinto muito.

Depois de ler percebi a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética, a estética.

Olho minhas mãos bem mais macias que antes e sinto que posso começar a ser a todo instante. (SOBRAL, 2010).

7. Referências

ALKMIN, Tania. **Sociolinguística — Parte I**. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina. (Org.). Introdução à linguística. São Paulo: Cortez, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAGNO, M. A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2013.

BAGNO, M. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2014. SOARES, M. Linguagem e escola: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 1986.

CRISTINO, Júlia; BRUSSE, Caroline. A variação do rotacismo na fala de adolescentes escolarizados de Campo Grande - MS. **Revista da ABRALIN**, v. 18, n. 2, p. 173-188, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/8891/7046>. Acesso em: 14 mar. 2023.

ESPÍRITO SANTO, Julia Maria França. **O rotacismo em São Paulo: uma análise do fenômeno em diferentes faixas etárias e grupos sociais**. 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-24062020-184801/publico/2019_JuliaMariaFrancaEspiritoSanto_VCorr.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023.



FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAYER, Juliana Escalier Ludwig; DIAS, Ludquellen Braga. **O fenômeno variável do rotacismo: uma análise pela teoria da otimidade**. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20, n. 2, p. 377-397, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n2a18058> - Acesso em: 31, mai. 2022.

Given, Lisa. M. **The Sage encyclopedia of qualitative research methods**, v.1. California: SAGE Publications. 2008

Mack, N; Woodsong, C; Macqueen, K. M; Guest, G; Namey, E. **Qualitative research methods: a data collector's field guide**. North Carolina: Family Health International. 2005

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MAIA, Cleuceimar Teixeira; SILVA, Diane do Socorro e Silva; SOUZA, José Miguel Moreira; ACÁCIO, Maria Silvia Jucá. Reflexos da variação linguística na escrita de alunos do Fundamental II: um estudo de caso em Paragominas (PA). In: PINHEIRO, Geane (org.). **Reflexões e Metodologias para o Ensino de Língua Portuguesa e Literatura em Escolas Municipais de Paragominas** [livro eletrônico]. São Paulo: Editora Evoluir, 2022. p. 267-289.

MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREIRA, Eduarda Oliveira; SANTIAGO, Priscilla Simões. Um estudo sobre o fenômeno do rotacismo em feira de Santana. In: Seminário De Iniciação Científica da UFES, 26., 2019, Feira de Santana. **Anais eletrônicos do XXVI Seminário De Iniciação Científica da UFES**. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2019. Disponível em: <http://ojs3.uefs.br/index.php/semic/article/view/8982>. Acesso em: 14 mar. 2023.

MOURA, D. **O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula**. In: Denilda Moura (org) *Leitura e escrita: a competência comunicativa*. Maceió: EDUFAL, 2007.

PEREIRA, Marli Hermenegild; ROBERTO, Tania Mikaela Garcia; RAMOS, Jacqueline. **Português V**, v.2. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2018. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/022019/42f13b5bc9d50f87b186f4b648e93ffe.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.



ROMANO, Valter Pereira; PEREIRA, Brenda Chauane Edlene. Tolerância e preconceito linguístico no ciberespaço: reflexões acerca dos comentários de usuários. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 331-350, ago./dez. 2017. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/923/460>. Acesso em: 14 mar. 2023.

SILVA, M. B. 2012. Pistas de mudanças fonéticas na ortografia do português. *In: LOBO T. et al, (org.). ROSAE: Linguística Histórica, História das Línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA.

SOBRAL, Cristiane. **Não vou mais lavar os pratos**. Brasília: Athalaia, 2010.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. O Marquês de pombal e a implantação da língua portuguesa no Brasil reflexões sobre a proposta do diretório de 1757. *In: IV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA*, 4., 2000, Rio de Janeiro. **Anais do IV Congresso Nacional de Linguística e Filosofia**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ12_9.htm. Acesso em: 14 mar. 2023.

VOTRE, Sebastião Josué. **Relevância da variável escolaridade**. *In: MOLLICA, Maria Cecilia e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-57.

WEINREICH, U.; LABOV, W. & HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006